

Fenômenos de interferência na evolução da linguagem

Etimologia do verbo "sasar"

Joaquim Máximo de CARVALHO JÚNIOR

O verbo latino *sanare* transmudou-se, de acordo com as leis fonéticas que, em terras lusitanas, presidiram à evolução do romance, nas formas arcaicas *sāar*, *saar*, *sar*.

Na órbita exclusiva da evolução puramente acústica do vocábulo, outro não poderia ter sido o resultado, sabido que, sem embargo de não terem as leis fonéticas o caráter de universalidade das leis naturais (1), as transformações dos sons se operam com absoluta constância, o que vale dizer que, em determinado lugar e tempo, fonemas ou grupos de fonemas em identidade de condições se desenvolvem de maneira idêntica.

Podemos assim enumerar as mutações por que, no seu diacronismo fonético, passou a palavra latina *sanare*: a) — impregnação nasal da vogal *a*, em virtude da vizinhança da consoante *n*, que se diluía, desaparecendo afinal (*sanare*, *sāar*; cf. *luna*, *lūa*); b) — assimilação da vogal nasal à oral seguinte (*sāar*, *saar*; cf. *tēer*, *teer*); c) — fusão das vogais idênticas (*saar*, *sar*: cf. *veer*, *ver*); d) — elisão do *e* átono final, o que normalmente se dá quando, em tal posição, aquele fonema se acha precedido de consoante capaz de formar sílaba com a vogal precedente.

Como explicar-se então a forma portuguesa *sasar*?

Entende Cornu (2) que tal vocábulo resultou de se ter

(1) — Niedermann, *Précis de phonétique historique du latin*, pág. 6.

(2) — *Die portugiesische Sprache*, §.255.

duplicado a terminação da forma primitiva: *saar*, *saarar*, *sarar*. Leite de Vasconcelos (3) apenas lhe consigna o parecer, sem o discutir. A Nunes (4), afigura-se que de *sarei*, futuro do arcaico *sar*, se originou *sarar*. Outros, menos avisados, admitem que o *n* de *sanare* se mudou em *r*, fato impossível em nossa fonética evolutiva.

O étimo de Cornu não pode ser aceito sem fundadas restrições. Com efeito, onde se encontrará, na fonética histórica da lingua portuguesa, o símile para aquela duplicação? Não está o insólito do fenômeno a suscitar-nos a dúvida de que o mesmo se tenha dado, devendo ser outra a explicação?

Quanto à etimologia aventada por Nunes, estamos que ao fato imaginado, fonética e morfológicamente possível (haver-se retrogradado de *sarei*, futuro de *sar*, ao infinito *sarar*), se opõe a circunstância de ordem psicológica, ou, se quiserem, analógica, de não permitir um "futuro" *sarei* a regressão a *sarar*. Se o pretérito *amei* corresponde ao infinito *amar*, só um "pretérito" *sarei* (que não existia no verbo *sar*) daria lugar à reconstituição do infinito *sarar*.

A linguagem não é apenas som ou forma, mas sentido também, pecando, pois, por unilateralidade, os que procuram resolver todos os problemas etimológicos com a aplicação exclusiva das leis fonéticas, segundo as quais se processa a evolução das formas.

Função da vida em sociedade, tem a linguagem, fenômeno complexo em sua produção, o seu lado rigorosamente psicológico, além do fisiológico e do social. Inconscientes ambos, o fator fisiológico e o psicológico desempenham, cada um, o seu papel nas transformações vocabulares. Assim, não é uma simples questão de fisiologia do som a nasalização da vogal do advérbio *sim* (*sic*, *si*, *sim*), mas um fenômeno psíquico de associação com o seu antônimo (*non*, *não*), sabido que existe entre os contrários uma estreita afinidade conceptual (5). Da mesma forma, não há em *amávamos* e *amáveis* (com relação a *amabamus* e *amabatis*) um fenômeno de deslocação de acento, mas uma criação, inconsciente, de novas formas verbais, dentro, não só do tipo flexional respectivo, senão também do tipo tônico das demais pessoas do mesmo tempo. Erro, ainda, seria dizer que hu-

(3) — *Lições de Filologia Portuguesa*, pág. 148.

(4) — *Gramática Histórica Portuguesa*, pág. 338.

(5) — Freud, *Introduction à la psychanalyse*, trad. franc. de Jankélérich, pág. 44.

37 Fenômenos de interferência na evolução da linguagem

milde provem de *humile* com um *d* epentético, visto ser aquela palavra um derivado retrógrado de *humildade*, isto é, outra resultante de um processo psíquico.

Sarar, não podendo explicar-se integralmente como forma evolutiva de *sanare*, deve ter resultado, como tantas outras, de uma interferência psíquica de vocábulo de significação análoga. *Sanare* e *curare*, embora não tivessem, rigorosamente, o mesmo sentido, andavam de tal forma ligados por vínculo ideológico (6), que os pesquisadores da estilística latina os emparelhavam para os distinguir na propriedade do emprego de cada qual (7). Na evolução paralela desses vocabulos, um contaminou o outro com um dos elementos de sua objetividade sonora, impregnando-o com um fonema (*r*) que o outro por si só não poderia desenvolver em sua vida evolutiva; em suma, interferindo-lhe na forma pela força mesma daquela afinidade conceptual que existe entre iguais, contrários e vizinhos.

(6) — *Aegrotum curare* significa «tratar de um doente» (Tit. Liv., *ab urbe condita libri* 25, 26, 8), e *aegrotum sanare*, «curar um doente» (Cic., *In M. Antonium Philippicae orationes quatuordecim*, 2, 39, 101).

(7) — Meissner, *Phraséologie latine*, trad. franc. de Charles Pascal, pág. 49.
